

## **MESTRE ODILON**

**José Sebastião WITTER\***

Contente e muito feliz por ser lembrado, aceitei, de pronto, a incumbência de escrever sobre Odilon Nogueira de Matos. Aceito o convite honroso, a grande questão era o que e como falar do grande historiador e Mestre Odilon. Tanto pensei como escrevi vários textos sem me contentar com os resultados e até achei que o melhor era desistir. Mas, de repente, mexendo em alguns guardados, encontrei esta carta/ bilhete de alguns anos atrás. Nela Odilon dizia: “Meu caro Witter”.

“Foi, de fato, uma pena não termos nos encontrado no Rio. Recebi seu bilhete indagando se poderia substituí-lo na sessão dedicada ao .....É claro que aceitei a incumbência. E tudo correu muito bem. E ao chegar em casa, encontrei os jornais de Mogi com a transcrição de um artigo sobre o saudoso Isaac. Muito obrigado por mais esta prova de sua gentileza.

Com o abraço amigo do  
Odilon / 2-8-2000”.

Nela fica claro o quanto éramos amigos e quanto nos respeitávamos. O tom coloquial, de então, da carta, relida agora em 2006, reforçou a minha vontade de escrever estas poucas e insuficientes linhas, sem o rigor acadêmico e menos ainda baseado em longa pesquisa. Sou eu, enquanto ser humano e amigo, buscando nas lembranças algo para dizer sobre o homem e cidadão campineiro Odilon Nogueira de Matos.

Como que num passe de mágica voltei aos anos cinquenta do século XX, mais precisamente ao ano de 1956, quando prestei meu primeiro exame vestibular, ainda na famosa rua Maria Antônia. Foi quando conheci Odilon Nogueira de Matos. Naquele momento ele era o Secretário-Geral da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Imediatamente vi nele um homem de bem e uma alma generosa. Não consegui entrar na Faculdade nessa primeira vez. Foi Odilon a primeira pessoa a me encorajar para que eu fizesse nova tentativa no ano seguinte. No final de 1957 eu o encontrei de novo e já em 1958 comecei a cursar o Departamento de História. Tivera sucesso no Vestibular e comecei a estudar História. Se a memória não falha e em 1956 tivemos o primeiro encontro, estamos convivendo por cinquenta anos. É uma vida inteira! Desde então nunca tivemos um convívio diário ou muito constante, porém durante todo esse tempo não nos distanciamos. Cartas (quando eram ainda usadas), telefonemas, bilhetes e recados nos permitiram até hoje não nos afastarmos. Odilon viveu e vive presente em minha vida desde minha chegada, como aluno, a USP.

O pedido do professor Ersio Lenzi acabou sendo oportuno e bem-vindo. Ao falar do Mestre Odilon, começo a reviver parte da História e de minha vida. Permite-me, ainda, reparar uma grande injustiça. Sempre repeti e com certa constância os nomes de Sergio Buarque de Holanda, Eurípedes Simões de Paula e Anita Novinsky como pessoas importantes e determinadoras de meu sucesso na vida acadêmica e profissional. Como posso não ter citado também Odilon Nogueira de Matos? Ele que teve sempre papel importante em minha trajetória e não só na

\* Professor Emérito da USP, professor titular, aposentado da F.F.L.C.H/ USP

Universidade. Lembro-me de ele e Raul de Andrada e Silva me indicando tanto para ocupar uma Cadeira da Academia Paulista de História como do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Esteve sempre comigo nos meus tempos de Supervisor do Arquivo Público do Estado, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP ou no Museu do Ipiranga. Isso para não falar do que vivemos no Departamento de História e de nossos encontros no Restaurante Caviar, em Pinheiros. Durante anos o freqüentamos às quartas-feiras. Estas reuniões só acabaram quando o restaurante, por mudar de dono, perdeu o nosso garçom, o 'seu' José, e a comida já não agradava.

A ação mais importante e mais marcante do Mestre, entretanto, aconteceu em 1974. Nesse ano foi publicado pela primeira vez o livro *'Café e Ferrovias'* - a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira - uma obra seminal e já um clássico da historiografia brasileira. Muito referenciado e consultado as duas edições esgotaram-se rapidamente. Nunca compreendi por que as editoras comerciais não reeditaram o livro de Odilon. Fiz questão, em 1981, de pedir ao Mestre Odilon que revisse o seu livro e, em seguida, o reeditamos. *"Café e Ferrovias"* foi novamente publicado na Coleção Monografias do Arquivo Público de São Paulo. Nessa edição de 1981 expliquei "As razões de uma Reedição", que transcrevo: "Por que reeditar a obra de Odilon Nogueira de Matos *'Café e Ferrovias'*? E por que uma reedição oficial do Arquivo do Estado de São Paulo?"

Razões existem de toda ordem. Elas são de ordem afetiva, oriunda do respeito pelo doutor em História, pelo professor batalhador, pelo erudito. Mas, a razão entre as razões e a propriedade de sua reedição reside no fato de ser *"Café e Ferrovias"* uma obra que faz, de forma específica, a ligação entre o passado histórico da ferrovia e o futuro do *"trem de ferro"*.

Coloca-se a obra entre aquelas que tem valor intrínseco e permanente e está sempre atual, pois, no decurso da história, tanto o livro quanto a ferrovia estão sempre em cotação alta ou em baixa, mas nunca deixaram ou deixam de ser importantes.

Assim sendo, e por julgar tarefa principal do Arquivo do Estado de São Paulo a divulgação de pesquisas esclarecedoras como esta, que foi tese e agora é livro, que prazerosamente a trazemos mais uma vez a público, esperando, com a decisão, trazer mais uma contribuição à análise da questão dos transportes no Brasil".

É importante lembrar que, desde a primeira edição de *"Café e Ferrovias"* Odilon me fez integrar a obra,

pedindo que fizesse um Prefácio. Lembro-me de todo o empenho de Odilon para que eu o escrevesse. Recordo-me, ainda, da persuasão do professor que "ao pedir, mandava. Insistia em que eu não retardasse, com possíveis atrasos, a publicação do seu livro, que não seria editado se eu não fizesse o Prefácio. Acabei fazendo, com receio, é verdade. Acho que o satisfiz porque ele o aceitou como o escrevi. Nesse prefácio escrevi: "...Restaria a alguém que introduz uma obra falar do Autor, mas seria demais um *'simples aprendiz'* tentar apresentar um *mestre* consagrado. E se a razão dos prefácios fosse somente a de apresentar o Autor ao leitor, este prefácio (em especial estas presentes palavras em forma de prefácio) não teria sentido. O Autor, ao me convidar para *'introduzi-lo'*, acabou de fato apresentando o apresentador..."

Reproduzo, ainda, outro trecho que sinto oportuno: "Um trabalho científico de qualquer natureza tem qualidade superior quando, além de somente trazer uma contribuição, suscita uma série de novos trabalhos a serem desenvolvidos a partir das premissas levantadas. Assim é o trabalho de Odilon Nogueira de Matos, pois demonstra em suas páginas o papel das ferrovias no desenvolvimento da economia paulista no século XIX e no século XX, mas também aponta uma série infindável de novos rumos a serem seguidos por aqueles que se interessem pela expansão ferroviária do Estado de São Paulo, para uma compreensão mais ampla de nossa economia."

Embora tenha me fixado nesta obra do Mestre e de utilizar os meus próprios escritos nela sobre Ele quero, neste momento, dizer que nunca ficou esquecida a sua maior contribuição aos Estudos Históricos do Brasil: a *'Notícia Bibliográfica e Histórica'*, uma Revista que vive e com vigor os seus trinta e oito anos de existência. Aliás, a *'Notícia'* é, até agora, o próprio Odilon. Tem seu jeito, que se manteve desde os números iniciais. Nela fazia e faz tudo. Encomendava os artigos, aceitava ou não contribuições, fazia a revisão geral e acompanhava os passos de sua publicação. Creio nunca ter deixado de escrever, pelo menos, um artigo de fundo em todas as edições de *'sua'* Revista. É, sem dúvida, um exemplo de dedicação a ser seguido.

Odilon Nogueira de Matos, no entanto, foi muito mais. Como historiador, como professor, como educador, como homem e, sobretudo, como cidadão. Presente em quase todos os seminários, congressos, bancas de tese que tenha sido convidado e, também, na sala de aula, sempre se destacou. Outras pessoas, com certeza, nesta edição, estarão ressaltando cada uma de suas inúmeras

facetar, durante todos esses anos do viver e conviver de um verdadeiro mestre.

Gostaria de registrar uma outra passagem de nossas vidas em comum. Não me perguntem em que ano aconteceu. Faz muito tempo e eu fui seu aluno num dos cursos dados por Odilon sobre História da Música. Como aprendi naquelas aulas que me levavam semanalmente a viver o clima da USP, na tradicional Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Nesse momento, Odilon foi professor e Maestro, tal era a sua sabedoria ao conduzir aquelas aulas, ilustradas por grandes composições. A gente se sentia entre o céu e a terra. Foi um curso quase divino. E quem pode freqüentar sua biblioteca sabe da coleção que Odilon Nogueira de Matos tem, conserva e faz de alguns encontros um verdadeiro concerto.

Não quero, no entanto, deixar de ressaltar a figura humana de nosso querido e respeitado Professor ODILON NOGUEIRA DE MATOS. Foi sempre exemplar

em todas as suas atividades, mas como companheiro e colega foi incomparável.

Digamos que Odilon e eu, depois dos anos 1970, envelhecemos juntos e tivemos vidas muito semelhantes. Quase não escrevemos livros; fizemos artigos, crônicas e dirigimos instituições. Ele na PUC-Campinas foi o grande coordenador do Departamento de História, onde criou, construiu e fez viver a “Notícia Bibliográfica e Histórica” até hoje; ele também deixou sua marca na Faculdade de Filosofia da USP. Eu, mais inconstante, passei por diversos institutos de pesquisa até me aposentar. Ambos, depois de viver intensamente a capital paulista, São Paulo, voltamos às nossas cidades. Ele foi para Campinas e eu para Mogi das Cruzes. Ambos continuam dividindo o tempo entre o ‘interior’ e a capital. Mais distante, geograficamente, nunca nos afastamos e sempre estamos buscando um tipo de contribuição para enriquecer os conhecimentos de nossa História. Continuamos trocando cartas, bilhetes e coisas que tais e assim se toca a vida.

